

Levantamento sobre o uso de PANCs, medicinais e orgânicos em Inconfidentes – MG

Cristina de Magalhães Ávila¹, Cícero Eduardo de Rezende², Letícia de Alcântara Moreira³, Wallace Ribeiro Correa⁴, Bruno Manoel Rezende de Melo⁵, Sindynara Ferreira⁶

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, Discente. cristina.avila@alunos.if sulde minas.edu.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, Discente. cicero.rezende@alunos.if sulde minas.edu.br

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, Gestora Ambiental. leticiamoreira@unifei.edu.br

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, Docente. wallace.correa@if sulde minas.edu.br

⁵ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, Técnico Administrativo. bruno.melo@if sulde minas.edu.br

⁶ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, Campus Inconfidentes, Docente. sindynara.ferreira@if sulde minas.edu.br

Recebido em: 29/08/2024

Aceito em: 26/02/2025

Resumo

As plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e plantas medicinais representam valores significativos em sabores, propriedades e texturas a serem explorados. O conceito de alimentação se transforma de acordo com o conhecimento da população sobre alimentos saudáveis e seus benefícios. A produção orgânica de alimentos visa à redução dos impactos ambientais com o cultivo de produtos mais saudáveis, baseando-se sua produção no uso de energias renováveis buscando sempre a harmonia com o meio ambiente. Resgatar e dar visibilidade às PANCs, plantas medicinais e à produção orgânica é promover a reconexão das pessoas e o conhecimento delas no local em que vivem. Este trabalho foi realizado com o objetivo de realizar um levantamento no município de Inconfidentes – MG quanto ao conhecimento e uso pela população de PANCs, plantas medicinais e produtos orgânicos, bem como identificar se existe produção orgânica local. Foram entrevistadas 1.042 pessoas, tanto nos bairros da zona urbana quanto da zona rural, utilizando um questionário semiestruturado. Os dados foram analisados por estatística descritiva, em classes de frequência. Conclui-se que as PANCs são pouco conhecidas quando comparadas às plantas medicinais. Alimentos orgânicos ainda são um nicho de mercado não tão difundido no município de Inconfidentes – MG, entretanto, há interesse por esse tipo de produção entre os agricultores entrevistados. Existe a demanda para a implementação de feira livre no município, sendo uma exposição de mercadorias de diversas modalidades, com predominância de produtos produzidos no local.

Palavras-chave: Feira livre. Plantas tradicionais. Segurança alimentar. Uso curativo.

Introdução

A consciência mundial no que diz respeito à importância da qualidade de vida e do ambiente é crescente e vem sendo expressa na evidente preocupação com a preservação dos ecossistemas, no uso adequado dos recursos naturais, na produção e no acesso a alimentos saudáveis. Ações que visam incentivar o consumo de variedades de produtos locais são fundamentais para a diversidade e riqueza da dieta das populações, para a perpetuação de bons hábitos alimentares e valorização do patrimônio sociocultural do povo brasileiro (Sartori et al., 2020).

No Brasil, desenvolver ações interligando biodiversidade e soberania alimentar são grandes desafios na área da segurança alimentar

e nutricional, com isso, o reconhecimento e a disseminação de espécies negligenciadas, com amplo potencial nutricional e bioativo, se torna de extrema importância (Sartori et al., 2020). Entram nesse contexto as plantas alimentícias não convencionais (PANCs), as plantas medicinais e os alimentos orgânicos.

Estimular o consumo de alimentos saudáveis, principalmente por crianças e jovens, é importante e vai na contramão do cenário atual, em que há crescimento do consumo de produtos ultraprocessados. Essa mudança, percebida fortemente no Brasil, indica a alta ingestão calórica e a falta de equilíbrio de nutrientes, devido à substituição de alimentos *in natura* ou minimamente processados de origem vegetal por produtos alimentícios industrializados prontos para o consumo (Brasil, 2014).

As PANCs integram as comunidades humanas e as diversas culturas, sendo um fator de autoafirmação e emancipação, chamada de “soberania alimentar e ecológica” (Kelen *et al.*, 2015). Se em muitos lugares as PANCs ainda não são reconhecidas como alimentos, em certas localidades, sempre fizeram parte da culinária em uma tradição passada de geração a geração (Brasil, 2015). Em geral, essas plantas não têm cadeia produtiva estruturada e o cultivo delas é feito predominantemente por agricultores familiares, cujo conhecimento sobre o seu manejo é passado de geração a geração, sendo que muitos plantios são estabelecidos em pequenos quintais para o consumo da própria família, sem nenhum apelo comercial (Zacharias, Carvalho, Madeira, 2021).

As plantas medicinais, no Brasil, têm forte ligação com a cultura indígena, tendo influências europeias e africanas. Segundo a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC) nº 26, de 13 de maio de 2014, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), define-se como planta medicinal “*espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos*”. Sendo o derivado vegetal definido como “*produto da extração da planta medicinal fresca ou da droga vegetal, que contenha as substâncias responsáveis pela ação terapêutica, podendo ocorrer na forma de extrato, óleo fixo e volátil, cera, exsudato e outros*”. Já a matéria-prima vegetal é descrita como “*compreende a planta medicinal, a droga vegetal ou o derivado vegetal*” (Anvisa, 2014).

Essa classe de plantas também tem forte correlação com os nutracêuticos e os alimentos funcionais. Entretanto, na procura por novos compostos com atividades farmacológicas de interesse para a indústria farmacêutica, as plantas medicinais podem ser destacadas como importante fonte natural desses compostos (Ordoñez, Govín, Blanco, 2004).

O uso de plantas medicinais associado ao consumo de alimentos naturais orgânicos pode promover grandes benefícios à saúde, pois não

são utilizados produtos químicos e sintéticos no processo produtivo desses vegetais, preservando a biodiversidade, os ciclos e as atividades biológicas do solo, constituindo ecossistemas mais equilibrados (Domingues, 2011). O conceito de alimentação é algo altamente variável, uma vez que novos conhecimentos e descobertas sobre alimentos saudáveis e seus benefícios estão sempre sendo divulgados, e é fato que, com o passar dos anos, a procura por produtos de origem orgânica vem aumentando (Nascimento *et al.*, 2013). A produção e o consumo de alimentos orgânicos representam valores significativos para a economia brasileira e para a saúde da população, sendo uma forma de sustentabilidade social e econômica da agricultura familiar (Coelho, 2001).

Percebe-se que os hábitos dos consumidores vêm promovendo mudanças no mercado, uma vez que a disposição deles em pagar por novas dimensões de qualidade dos produtos reflete, de modo mais adequado, as alterações no padrão de consumo (Castro Neto *et al.*, 2010). O resgate e a devida visibilidade às PANCs, às plantas medicinais e à produção orgânica permitem promover o conhecimento e a reconexão das pessoas com o local em que habitam.

Diante do exposto, este trabalho foi desenvolvido objetivando levantar informações acerca do conhecimento quanto ao uso de produtos orgânicos, PANCs e medicinais na cidade de Inconfidentes, no sul de Minas Gerais, visando estabelecer relação dos produtores com os consumidores no que tange à produção, ao comércio e ao consumo para uma possível implementação de feira livre no município.

Material e métodos

O levantamento foi realizado no município de Inconfidentes, o qual se localiza a 869 metros de altitude, com as seguintes coordenadas geográficas: 22° 19' 00"S e 46° 19' 40"O. Está

localizado ao sul do estado de Minas Gerais, possui área de 145 quilômetros quadrados e conta com uma população de 7.301 habitantes (IBGE, 2022). Segundo Ferreira e Marinho (2013), Inconfidentes conta com 32 bairros, dos quais 28 estão na zona rural e 4 estão na zona urbana, entretanto, a população urbana supera a rural.

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa e quantitativa, por meio de entrevistas. O público-alvo foi amplo, sem identificação de nome, formação, poder aquisitivo e classe social, sendo que as entrevistas aconteceram aleatoriamente com pessoas que estavam em trânsito ou diretamente abordadas em casa, de forma aleatória. Como critério de inclusão, a pesquisa foi realizada somente com pessoas maiores de 18 anos, e como critério de exclusão, as pessoas que se negarem a responder o questionário.

A pesquisa foi realizada entre os meses de novembro de 2022 e dezembro de 2023, tanto nos bairros da zona urbana quanto aqueles da zona rural, indicados pelo Responsável Técnico da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) do município, levando em consideração bairros rurais que tinham maior número de produção olerícola.

Para a entrevista, foi utilizado um questionário semiestruturado (Apêndice I), com perguntas padronizadas para facilitar a organização dos dados. Esse questionário permitiu explorar o conhecimento da população em relação às PANCs, às plantas medicinais, ao consumo de produtos orgânicos e à produção orgânica. Nesse sentido, abordaram-se perguntas para o público em geral e algumas específicas quando o entrevistado se identificou como produtor rural. A pesquisa está enquadrada na Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2016a).

Os dados foram trabalhados de acordo com as recomendações de estatística descritiva, em que cada questionamento foi dividido em classes de frequência percentuais, geradas no programa Sisvar (Ferreira, 2011).

Resultados e discussão

Entre os 1.042 entrevistados, 35,4% tinham entre 18 e 30 anos, 19,6% entre 30 e 40 anos, 17,6% entre 40 e 50 anos, 13,1% entre 50 e 60 anos, 8,4% entre 60 e 70 anos, 4,3% entre 70 e 80 anos e 1,6% acima de 80 anos. Nesse ambiente amostral, os entrevistados foram constituídos por 54,9% de mulheres e 45,1% de homens. Quanto à localização de residência, 78,1% dos entrevistados residiam na zona urbana e 21,9% na zona rural.

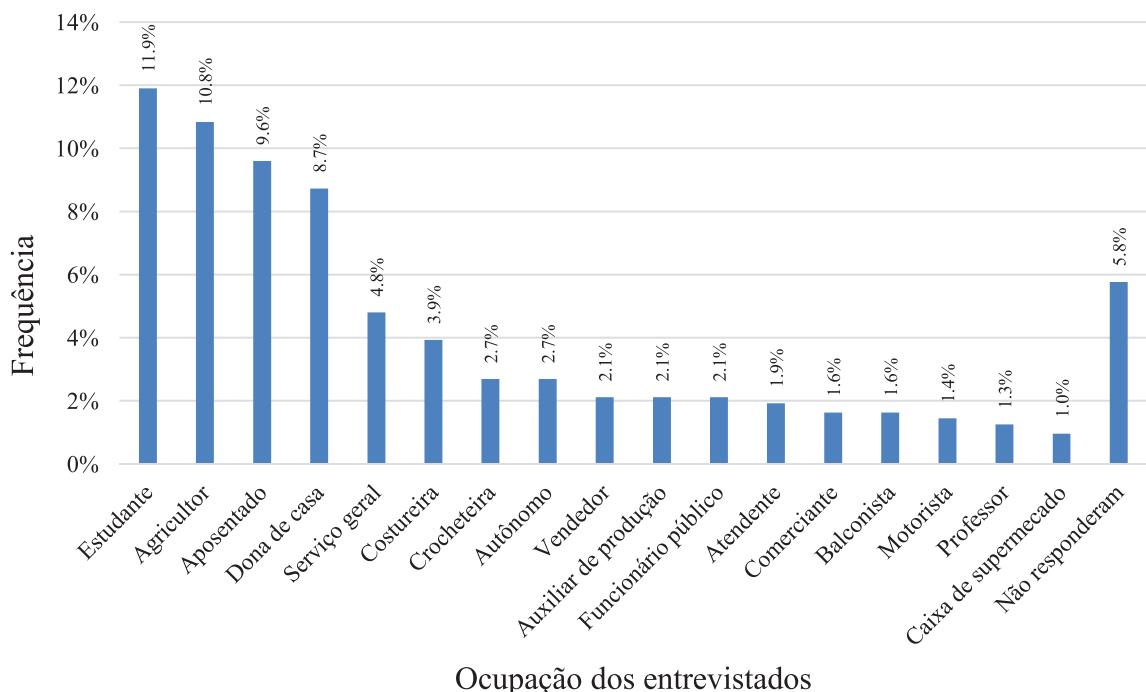
Quanto à ocupação dos entrevistados, 11,9% eram estudantes, 10,8% agricultores, seguido de 9,6% de aposentados, entre outras categorias. Ocupações que tiveram menos de 1% de pessoas não foram inseridas na figura e totalizaram 76 profissões, e 5,8% dos entrevistados não informaram sua ocupação (Figura 1).

Localizado na mesorregião do sul de Minas Gerais, o município de Inconfidentes tem sua economia focada na agropecuária, com destaque para a produção de café, alho, leite, milho, bucha vegetal, banana e feijão, além da indústria têxtil, direcionada para as malharias. Além de sua população residente de 7.328 pessoas, de acordo com a estimativa de 2019 (IBGE, 2022), o município conta ainda com uma média de 1.200 discentes como flutuantes, que estudam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Campus Inconfidentes, justificando os 11,9% de estudantes pesquisados (Figura 1).

Segundo Ferreira e Marinho (2013), na zona rural de Inconfidentes/MG, predominam pequenas e médias propriedades dedicadas ao cultivo do café. Esses dados vão ao encontro dos 11,8% de agricultores entrevistados.

Quanto ao conhecimento do termo PANCs, 82,5% dos entrevistados disseram não conhecer e apenas 17,5% disseram ter conhecimento. Dos 182 entrevistados que conhecem as PANCs, as

Figura 1. Ocupação dos entrevistados no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.



Fonte: autores (2024).

mais citadas foram peixinho da horta (*Stachys byzantina*), serralha (*Sonchus oleraceus*), ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*), taioba (*Xanthosoma sagittifolium*), azedinha (*Oxalis corniculata*), inhame (*Colocasia esculenta*), almeirão roxo (*Lactuca indica*), hibisco (*Hibiscus radiatus*), capuchinha (*Tropaeolum majus*), beldroega (*Portulaca oleracea*) e caruru (*Amaranthus viridis*); mais de uma opção poderia ser escolhida no questionário (Figura 2).

A denominação “outras” foi utilizada para PANCs mencionadas com a porcentagem abaixo de 7,1%, fazendo-se o somatório dessa classe de plantas, obtendo resultado de 24,7% (Figura 2). Os entrevistados que mencionaram ter conhecimento sobre PANCs relataram ter herdado esse saber de seus familiares e que têm o hábito de consumi-las.

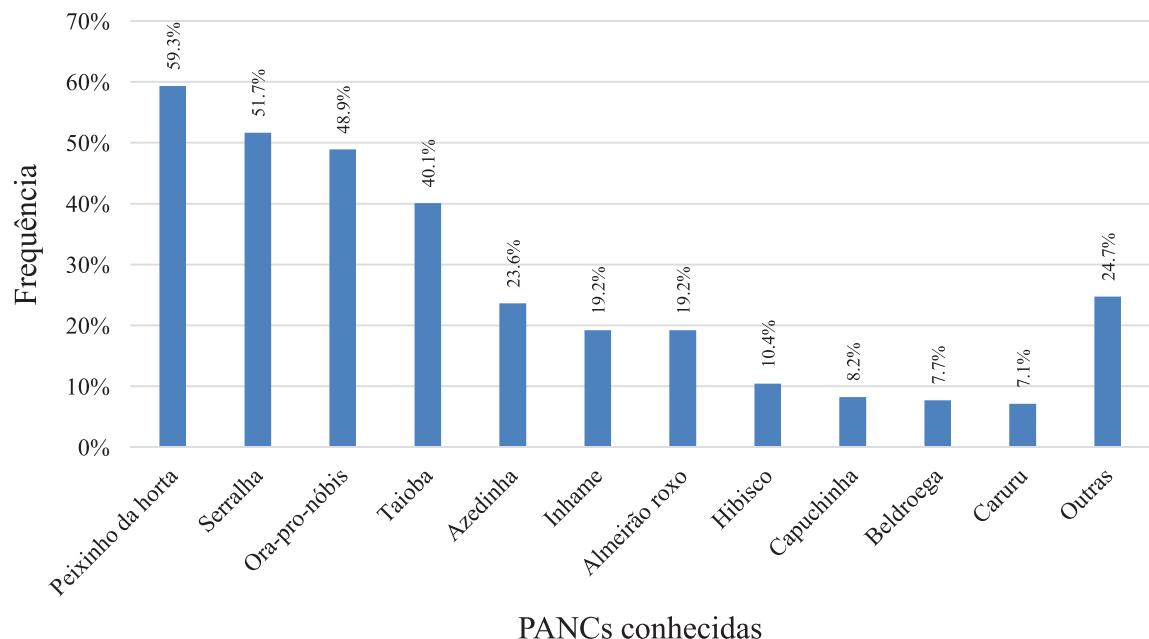
Quanto ao ambiente de propagação, as PANCs são encontradas em pastagens, no meio de culturas agrícolas e em hortas domésticas. Mais da metade delas tem hábito

de crescimento herbáceo, sendo, portanto, de menor porte. Possuem ciclos produtivos curtos, porém se propagam com mais facilidade, sendo encontradas principalmente dispersas ao longo de pastagens, em meio às culturas agrícolas e em hortas domésticas (Barreira, 2013).

Do percentual dos entrevistados que disseram desconhecer o termo PANCs (82,5%), poderiam vir a utilizar essas plantas como parte do cardápio de consumo diário, porém, a falta de conhecimento dos populares leva à caracterização dessas plantas como ervas daninhas, podendo ser facilmente encontradas na natureza, tidas como mato ou sendo ignoradas (Liberato, Lima, Silva, 2019). Essas plantas, quando consumidas, favorecem a autonomia das famílias e garantem soberania, segurança alimentar e nutricional (Paula Filho, 2015).

O desuso e o não conhecimento dessas plantas é atrelado a diversos fatores, como competição no mercado com hortaliças convencionais, baixa disponibilidade no mercado, pouca informação

Figura 2. Plantas alimentícias não convencionais (PANCs) que os entrevistados mais conhecem no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.



Fonte: autores (2024).

sobre as potencialidades nutricionais, e ao hábito alimentar da população (Kinupp, Lorenzi, 2014).

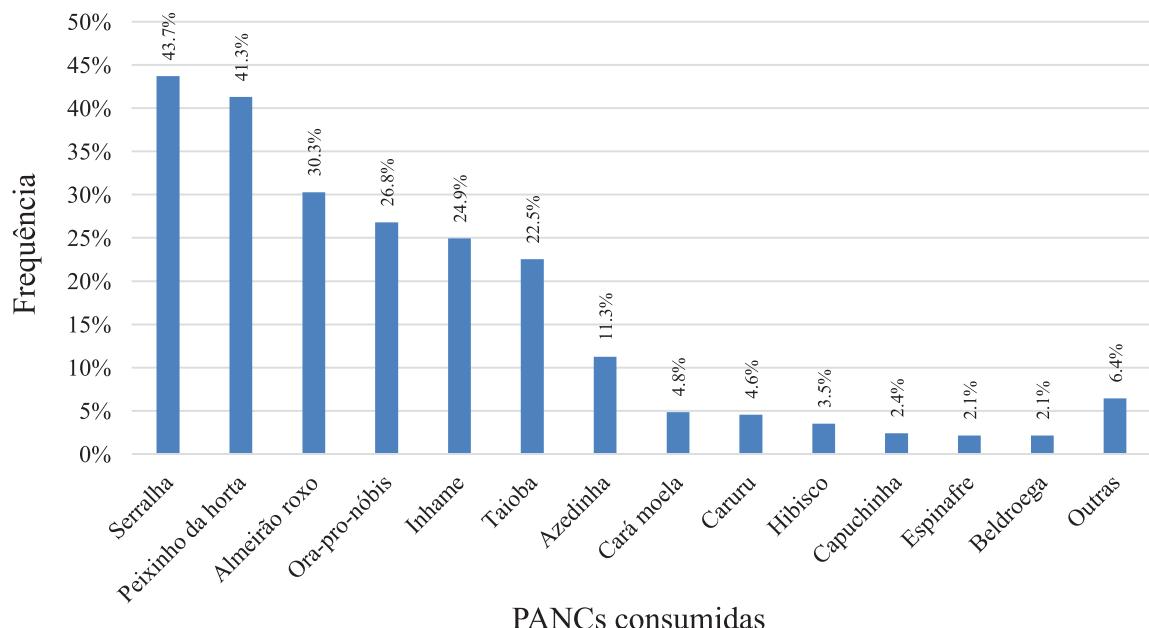
Durante as entrevistas, foi questionado sobre o consumo de PANCs, sendo que 35,8% dos entrevistados mencionaram ter consumido ou que ainda consomem, 63,3% relataram que nunca consumiram e 0,9% disseram não lembrar se já consumiram. Das 373 pessoas entrevistadas que já consumiram ou que ainda consomem, as PANCs mais citadas foram, respectivamente: serralha, peixinho da horta, almeirão roxo, ora-pro-nóbis, inhame, taioba, azedinha, cará moela (*Dioscorea bulbifera*), caruru, hibisco, capuchinha, espinafre (*Spinacia oleracea*) e beldroega (Figura 3). A definição de “outras” foi para PANCs citadas abaixo de 2,1%, que juntas totalizaram 6,4% (Figura 3). Cabe destacar que os entrevistados forneciam, durante a entrevista, mais de um exemplo de PANC que consumiram ou ainda consumem.

O aumento do consumo dessas plantas pode favorecer a melhora da condição nutricional de indivíduos desfavorecidos economicamente nas

áreas urbanas e rurais, em diferentes regiões do Brasil (Almeida, Correia, 2012). As PANCs estão entre as fontes de alimentos que se desenvolvem em ambientes naturais sem a necessidade de insumos e da derrubada de novas áreas (Bressan *et al.*, 2011). O fato de muitas dessas plantas estarem em áreas manejadas por agricultores torna-se estratégia fundamental para o fortalecimento da soberania alimentar de muitas famílias (Cruz-Garcia, Price, 2011). Entretanto, muitas dessas plantas, embora disponíveis a baixo custo, ainda são desconhecidas e subutilizadas por uma parcela significativa da população (Kinupp, Barros, 2007; Luizza *et al.*, 2013).

Sobre plantas medicinais, 85,3% dos entrevistados disseram conhecer e apenas 14,7% disseram não ter conhecimento sobre nenhuma planta medicinal. Entre as 889 pessoas que mencionaram conhecer plantas medicinais, as mais conhecidas são: hortelã (*Mentha spicata*), com 57,9%; boldo (*Peumus boldus*), com 34,9%; capim erva cidreira (*Cymbopogon citratus*), com 31,8%; e erva doce (*Foeniculum vulgare*), com 28,1%, outras plantas medicinais também

Figura 3. Plantas alimentícias não convencionais (PANCS) mais consumidas pelos entrevistados no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.



Fonte: autores (2024).

foram mencionadas. Para este questionamento, o entrevistado pôde relatar várias opções de plantas. No agrupamento “outras”, foram incluídas 62 plantas, que estavam abaixo de 3,9% de conhecimentos, que juntas totalizaram 70,6% (Figura 4).

No Brasil, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, criada em 2006, e o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, criado em 2008, têm como objetivo “garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos e promover o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional” (Brasil, 2016b).

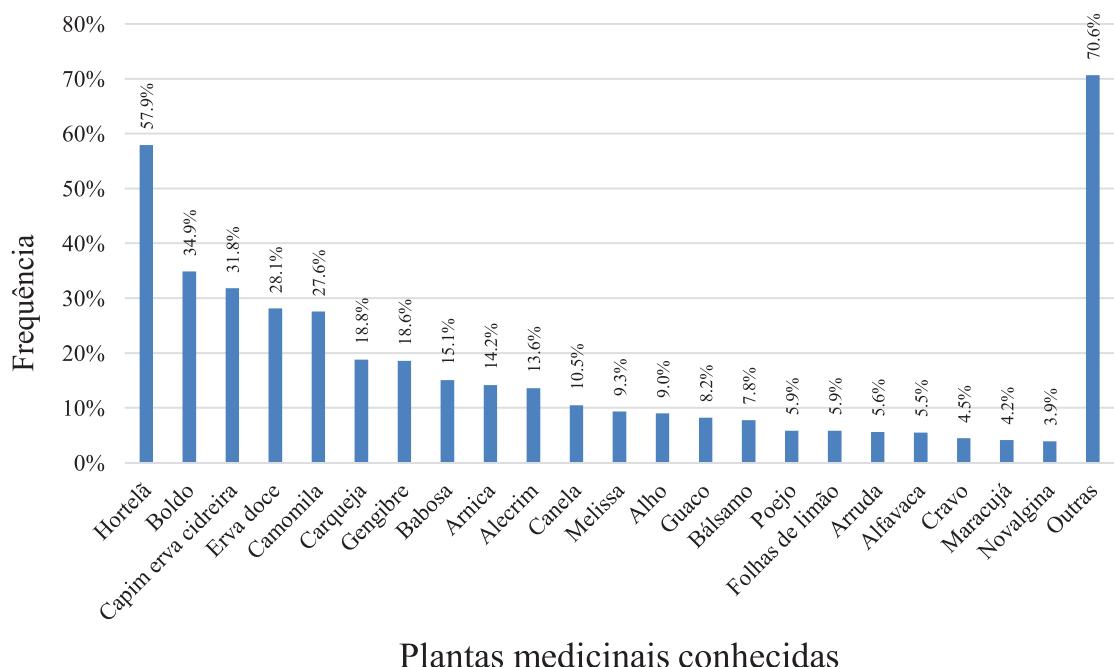
Dos entrevistados, 63,5% já fizeram ou fazem uso de plantas medicinais e 36,5% alegaram não ter feito ou que não fazem uso de plantas medicinais. Entre as 662 pessoas que já fizeram ou ainda fazem o uso de plantas medicinais, as mais utilizadas são: hortelã, com 50,5%; camomila (*Matricaria chamomilla*), com 24,5%;

boldo, com 22,2%; erva doce, com 18,3%; capim erva cidreira (*Cymbopogon citratus*), com 18,3%; e gengibre (*Zingiber officinale*), com 17,1%, entre outras mencionadas, cabendo destacar que o entrevistado teve a oportunidade de relatar mais de uma espécie de plantas durante a entrevista (Figura 5). No agrupamento “outras”, estão 45 plantas com a porcentagem abaixo de 1,8% de uso, totalizando 22,1% com o somatório delas (Figura 5).

Muitas pessoas ainda têm receio de utilizar plantas medicinais, mas percebe-se que essa realidade está mudando, pois os produtores procuram investir na melhoria da qualidade e, consequentemente, gerar confiabilidade dos seus produtos para que os profissionais de saúde se sintam seguros em prescrevê-los (Rigotti, 2009). Entretanto, não se pode desconsiderar o médico em qualquer tipo de tratamento e, se possível, atrelar os dois conhecimentos.

Na última década, foi observado um aumento no uso de práticas terapêuticas alternativas apoiadas por políticas no âmbito do Sistema Único

Figura 4. Plantas medicinais conhecidas pelos entrevistados no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.



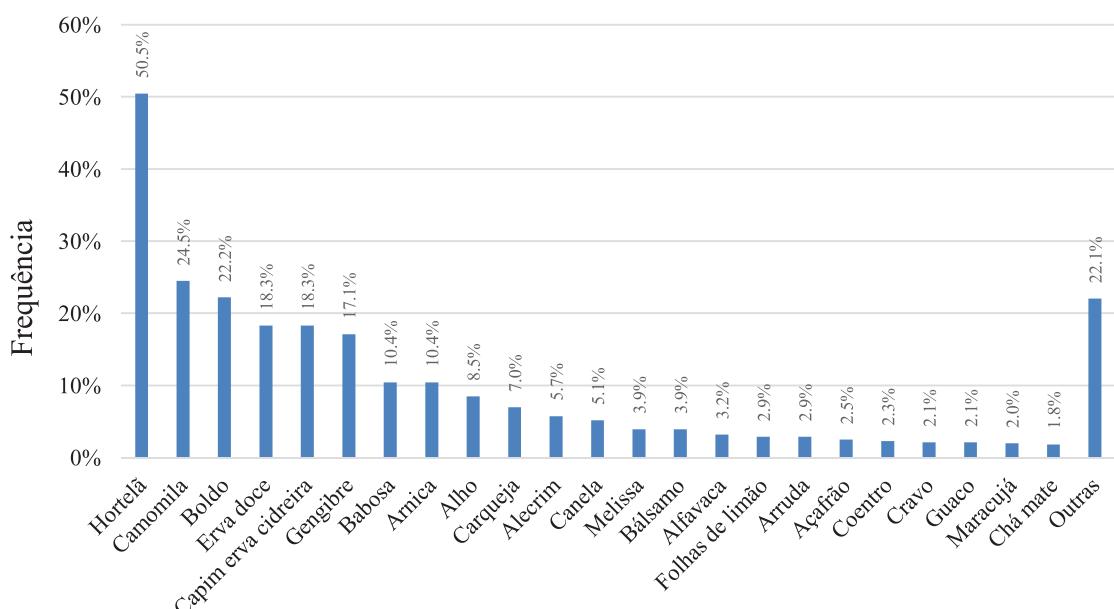
Plantas medicinais conhecidas

Fonte: autores (2024).

de Saúde (SUS), em particular no uso de plantas medicinais e de fitoterápicos. Durante o trabalho de Zeni e Bosio (2011), os autores observaram que 21,9% dos entrevistados utilizaram remédios

caseiros, sendo as plantas medicinais obtidas no quintal das casas a principal escolha. Como as mais citadas, destacaram-se erva cidreira, camomila e hortelã.

Figura 5. Plantas medicinais mais consumidas pelos entrevistados no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.



Plantas medicinais mais consumidas

Fonte: autores (2024).

A utilização de plantas para fins medicinais não é algo recente, pelo contrário, possui tradição milenar que está sendo transferida entre as gerações ao longo do tempo, que utilizam esses recursos para fins curativos de seus males. O uso por populações rurais é repassado, oralmente, entre gerações. Moreira *et al.* (2002) descreveram que essas práticas são transmitidas entre os familiares, tendo um valor histórico, cultural e socioeconômico.

O avanço da medicina convencional não inibiu o progresso das práticas curativas populares, pois trazem a possibilidade de uma melhor relação custo-benefício para a população, promovendo saúde a partir de plantas produzidas localmente (Arnous, Santos, Beinner, 2005). Essa utilização é influenciada por hábitos, costumes e parâmetros socioeconômicos, como também pela forma da transmissão do referido conhecimento. A transmissão apenas oral dos conhecimentos pode ser um fator negativo, uma vez que tais informações podem ser perdidas ou modificadas no decorrer do tempo.

Em relação à produtos orgânicos, entre os entrevistados, 29,9% relataram consumir produtos orgânicos, 69,9% responderam não consumir e 0,2% não opinaram sobre o assunto. De todos os entrevistados que consumiam ou não produtos orgânicos, quando indagados se pagariam a mais por esses produtos, 52,6% aceitariam pagar a mais, enquanto 46,7% não pagariam e 0,7% não opinaram.

Quando o assunto é preço, das 548 pessoas que responderam estar dispostas a pagar a mais por um produto orgânico, 30,7% dos entrevistados responderam que pagariam 5% a mais, 39,6% mencionaram que pagariam 10% a mais pelo produto, 14,6% dos entrevistados responderam que pagariam 15% a mais pelo produto orgânico, 11,9% relataram que pagariam 20% a mais e 3,2% dos entrevistados responderam que pagariam mais de 20% para ter um produto orgânico.

A produção de alimentos orgânicos utiliza menos insumos sintéticos, o que pode reduzir alguns custos. No entanto, a produtividade é significativamente menor em comparação à produção convencional, resultando em um custo final mais elevado. Além disso, a demanda por produtos orgânicos supera a oferta, e muitos consumidores estão dispostos a pagar mais por esses produtos, o que também influencia o preço da mercadoria.

De acordo com Ferreira e Coelho (2017), a escolaridade impacta na decisão de consumo de alimentos orgânicos em magnitude superior à própria renda *per capita*. Os autores ressaltaram que a renda foi de grande importância para explicar a quantidade adquirida dos bens, principalmente os alimentos orgânicos, que são mais caros, e que, conforme esperado, têm sensibilidade superior a variações nos preços em todas as categorias quando comparados aos convencionais. Assim, aumentos nos preços de alimentos orgânicos tendem a reduzir a quantidade consumida em uma proporção superior aos convencionais. Por outro lado, a redução nos preços dos orgânicos influencia positivamente o consumo desses bens em magnitude superior aos convencionais (Ferreira, Coelho, 2017).

Sobre “feira livre”, foi abordado se os entrevistados comprariam nesse nicho de mercado, sendo que 99% responderam positivamente e somente 1% responderam negativamente. Entre aqueles que responderam positivamente, ou seja, dos 1.032 entrevistados que disseram que comprariam em “feira livre”, foi indagado sobre o melhor dia para que pudesse acontecer a exposição de mercadorias, no município de Inconfidentes – MG, sendo que 27,3% responderam sábado de manhã, 6,3% sábado à tarde, 61,5% domingo de manhã, 3,8% domingo à tarde e 1,1% preferiram não opinar sobre o melhor dia da semana e horário para acontecer a feira.

Ainda dentro da temática de “feira livre”, foi perguntado sobre as modalidades, e 51,7% dos entrevistados manifestaram a opção para orgânica, 90,5% para convencional, 62,8% com o incremento de artesanatos, 74,7% com quitandas, 55,9% com atrações culturais, 69,8% com lanches. Na opção “outras”, foram sugeridas pelos participantes: espaço para jogar bingos (0,1%), exposição de livros (0,2%), produtos para pet's (0,4%), caldos (0,1%), salgadinhos (0,1%) e temperos prontos (0,1%).

Nessa esfera, dos 1.042 entrevistados, 74,5% manifestaram maior interesse em produtos produzidos ou confeccionados no município de Inconfidentes – MG e 25,5% foram indiferentes quanto ao local de produção.

As feiras livres também possibilitam o acesso dos agricultores ao mercado, gerando renda para compra de produtos para consumo familiar, de forma a ser considerada uma importante política distributiva, possibilitando que a renda da população permaneça no município e contribuindo para seu desenvolvimento (Silvestre *et al.*, 2006). Além disso, o desenvolvimento de feiras livres tem potencial para agregar valor às vendas dos produtores, diminuindo a cadeia de suprimentos, além do potencial para gerar benefícios sociais e ambientais para a comunidade (Hunt, 2007).

O frescor e a qualidade dos produtos são alguns dos motivos que têm levado ao crescente aumento do interesse dos consumidores pelas feiras livres nos últimos anos, em países como a Nova Zelândia, Austrália, Grã-Bretanha, Canadá e os Estados Unidos, nos quais elas haviam desaparecido, em grande parte devido ao advento dos supermercados. Um dos motivos para esse ressurgimento é o fato de o consumidor estar cada vez mais criterioso na procura de alimentos, o que resultou em uma reavaliação da forma que os alimentos são cultivados, distribuídos e vendidos (Guthrie *et al.*, 2006).

Quanto à frequência que os participantes realizam compras de frutas e hortaliças, verificou-se que 59,4% fazem compras semanalmente, 39,8% realizam compras quinzenalmente e 0,8% não opinaram.

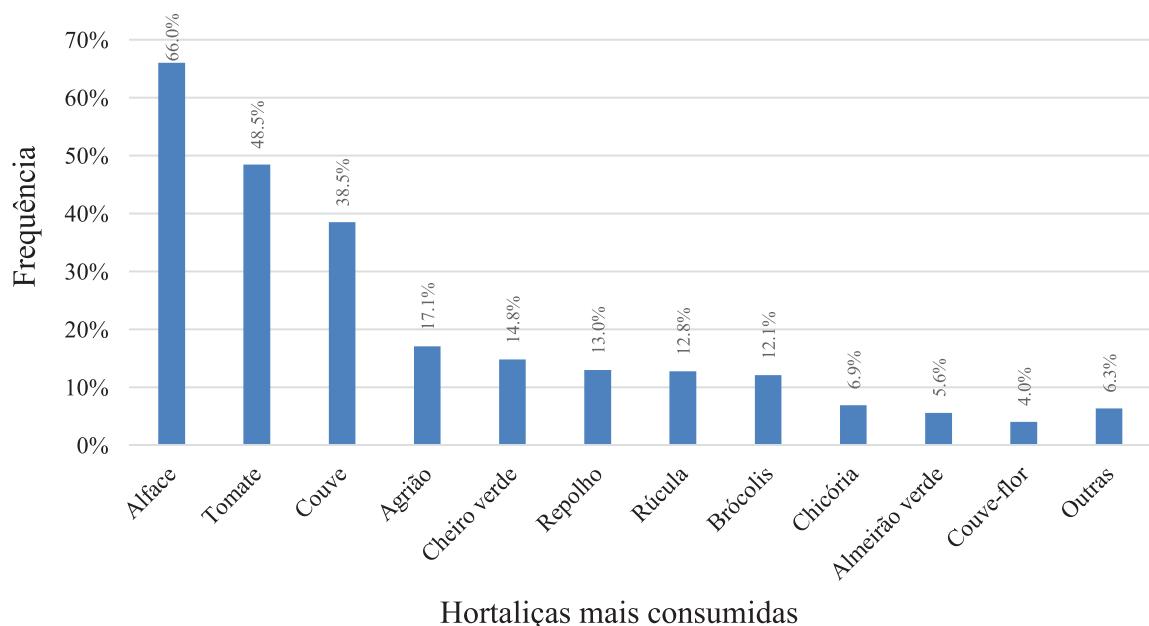
Entre as hortaliças mais consumidas pelos entrevistados, com a opção de mencionarem mais de uma espécie, as mais destacadas foram: alface, tomate, couve, agrião, cheiro verde, repolho, rúcula, brócolis, chicória, almeirão verde e couve-flor (Figura 6). Na opção “outras”, englobam-se quatro espécies de hortaliças com menos de 4,0% de citação (Figura 6).

Entre as frutas mais consumidas pelos entrevistados, com a opção de mencionarem mais de uma espécie, encontram-se: banana, laranja, maçã, abacaxi, mamão, limão, melancia, manga, uva, morango e goiaba (Figura 7). Na opção “outras”, englobam-se 18 espécies de frutas com menos de 13,7% de citação, totalizando 58,4% (Figura 7).

Segundo Kotler e Keller (2006), o comportamento do consumidor é influenciado por fatores sociais, como grupos de referência, família, papéis sociais e status. Esse comportamento também é influenciado por características pessoais, como idade e estágio no ciclo de vida, ocupação, circunstâncias econômicas, personalidade, autoimagem, estilo de vida e valores, levando as pessoas a comprarem diferentes artigos e serviços durante a vida.

Esses comportamentos vão ao encontro do que foi proposto pelos autores Cazane, Machado e Pigatto (2008), que verificaram em suas pesquisas que o comportamento de compra dos consumidores de frutas, legumes e verduras é influenciado por fatores sociais (família e amigos) e pessoais (sexo, idade, renda familiar, grau de instrução e estado civil). A comparação desses resultados com pesquisas similares confirma a influência positiva das

Figura 6. Hortaliças mais consumidas pelos entrevistados no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.

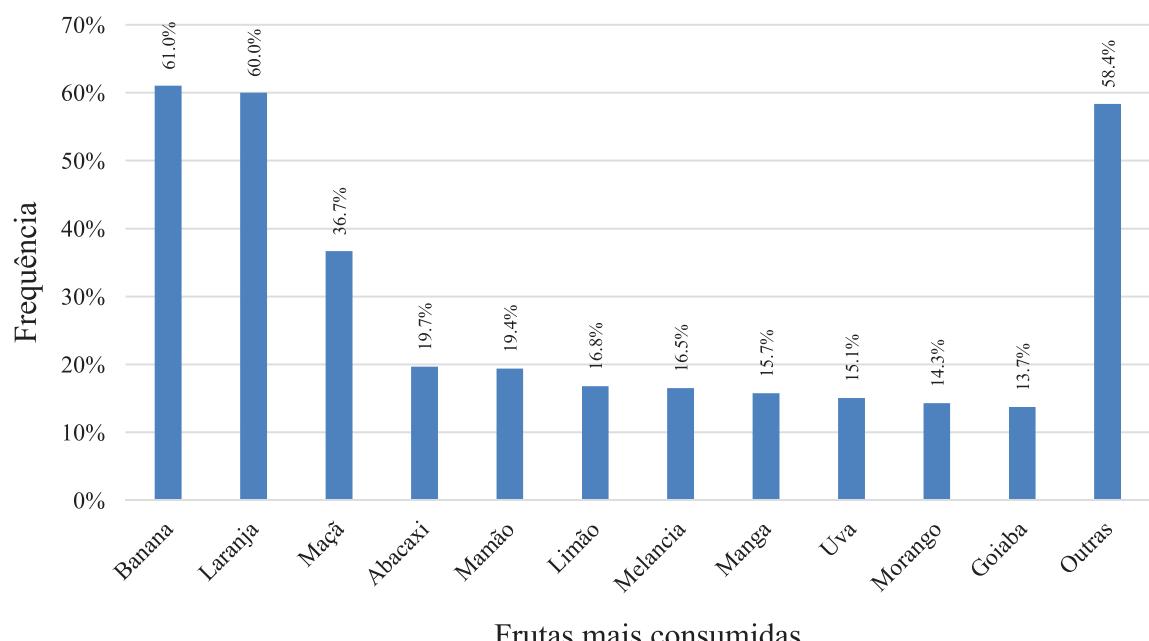


Fonte: autores (2024).

variáveis grau de instrução e renda média no comportamento dos consumidores. Variáveis como conveniência, flexibilidade de horário e frescor dos produtos influenciam positivamente a escolha do local de compra (Cazane, Machado, Pigatto, 2008).

Dos entrevistados, 52,3% responderam que comprariam artesanatos na feira livre, 31,2% responderam negativamente e 16,5% preferiram não opinar. Sobre quitandas, 92,1% comprariam na feira livre, citando rosas e pães caseiros, enquanto 7,9% não comprariam.

Figura 7. Frutas mais consumidas pelos entrevistados no município de Inconfidentes/MG, tanto na zona rural quanto na urbana. IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes. Inconfidentes/MG, 2024.



Fonte: autores (2024).

Segundo Coutinho, Neves e Silva (2006), as feiras livres são consideradas uma importante estrutura de suprimento de alimentos das cidades, especialmente as interioranas, pois promovem o desenvolvimento econômico e social, fomentando a economia dessas pequenas cidades. Oferecem produtos sempre frescos e permitem uma relação restrita entre consumidores e produtores e o poder de barganha exercido por eles.

Quanto aos 113 dos produtores entrevistados (10,8% do ambiente amostral), 79,7% relataram que cultivam no sistema convencional, 16,8% no sistema convencional sem agrotóxico (SAT) e 3,5% no sistema orgânico.

Entre os produtores de sistema orgânico, 50% têm certificação com produção de morango, alface, couve, cenoura, beterraba, tomate, cana e café.

Dos 113 agricultores, quando questionados sobre o preço de venda de produtos orgânicos em relação ao preço do produto convencional, 31,0% manifestaram que visualizaram diferença de preço, perante 69,0% que não conseguem identificar diferentes valores entre produtos orgânicos e convencionais.

No cultivo convencional ou SAT, apenas 23,9% dos agricultores entrevistados têm interesse em migrar para a produção orgânica, enquanto 76,1% responderam que não possuem interesse. Os produtores foram indagados sobre o conhecimento do que é preciso para se tornar um produtor orgânico, tendo como resposta: assistência técnica (22,0%), recursos financeiros (22,0%), capacitação (17,4%), demanda de mercado (13,8%), certificação (14,7%) e outros (10,1%).

Conclusão

As plantas alimentícias não convencionais (PANCs) são pouco conhecidas quando comparadas às plantas medicinais. Alimentos orgânicos ainda são um nicho de mercado não

tão difundido no município de Inconfidentes – MG, entretanto, há interesse por esse tipo de produção entre os agricultores entrevistados. Existe a demanda para a implementação de feira livre no município, sendo uma exposição de mercadorias de diversas modalidades, com predominância de produtos produzidos no local.

Agradecimentos

Agradecemos ao IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes e à Prefeitura Municipal pelo apoio na realização deste trabalho e a todos os colegas que auxiliaram na coleta de dados.

Referências

ALMEIDA, M. E. F. de; CORREA, A. D. Utilização de cactáceas do gênero *Pereskia* na alimentação humana em um município de Minas Gerais. **Ciência Rural**, v. 42, n. 4, p. 751-756, 2012. DOI: 10.1590/S0103-84782012000400029.

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Ministério da Saúde. Resolução de Diretoria Colegiado - RDC nº 26, de 13 de maio de 2014. **Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

ARNOUS, A. H.; SANTOS, A. S.; BEINNER, R. P. C. Plantas medicinais de uso caseiro-conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.

BARREIRA, T. F. **Levantamento e investigação do valor nutricional de hortaliças não-convencionais na zona rural de Viçosa, MG**. 2013. 94f. Dissertação (Mestrado – Área de concentração em Agroecologia) – Departamento

de Nutrição e Saúde, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

BRASIL. Ministério Da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira.** 2. ed. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Alimentos regionais brasileiros.** 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 484 p.: il. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentos_regionais_brasileiros_2ed.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Ministério de Estado da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana.** 2016a. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica Brasília: Ministério da Saúde, 2016b.

BRESSAN, R. A.; REDDY, M. P.; CHUNG, S. H.; YUN, D. J.; HARDIN, L.S.; BOHNERT, H.

L. Stress-adapted extremophiles provide energy without interference with food production. **Food Security**, v. 3, n. 1, p. 93-105, 2011.

CASTRO NETO, N. de; DENUZI, V. S. S.; RINALDI, R. N.; STADUTO, R. Produção orgânica: uma potencialidade estratégica para a agricultura familiar. **Revista Percurso - NEMO**, v. 2, n. 2, p. 73-95, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/49466>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CAZANE, A. L.; MACHADO, J. G. de C. F.; PIGATTO, G. Análise do consumo de Frutas em Tupã-SP. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA, 20., 2008. **Anais...** Vitória-ES: Incaper, 2008.

COELHO, C. N. A expansão e o potencial do mercado mundial de produtos orgânicos. **Revista de Política Agrícola**, v. 10, n. 2, p. 9-26, 2001. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/235/pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

COUTINHO, E. P.; NEVES, H. C. N.; SILVA, E. M. G. Feiras livres do brejo paraibano: crise e perspectivas. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44., 2006. **Anais...** Fortaleza: 2006. 1 CD-ROM.

CRUZ-GARCIA, G. S.; PRICE, L. L. Ethnobotanical investigation of 'wild' food plants used by rice farmers in Kalasin, Northeast Thailand. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 33, p. 1-20, 2011.

DOMINGUES, C. H. C. Contribuição à análise de agregação de valor na pequena produção agrícola: o caso dos produtos orgânicos. In: CONGRESSO UNICAMP, 19., 2011. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2011. Disponível em: <https://www.prp.unicamp.br/pibc/congressos/xixcongresso/paineis/085786.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

FERREIRA, D. F. Sisvar: a computer statistical analysis system. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 35, n. 6, p. 1039-1042, 2011.

FERREIRA, A. S.; COELHO, A. B. O papel dos preços e do dispêndio no consumo de alimentos orgânicos e convencionais no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 55, n. 4, p. 625-640, 2017. DOI: 10.1590/1234-56781806-94790550401

FERREIRA, S.; MARINHO, J.; A. Levantamento do conhecimento da população urbana de Inconfidentes/MG sobre orgânicos. **Revista Agrogeoambiental**, v. 5, n. 2, p. 39-48, 2013. Disponível em: <https://agrogeoambiental.ifsuldeminas.edu.br/index.php/Agrogeoambiental/article/view/493/490>. Acesso em: 14 ago. 2024.

GUTHRIE, J.; GUTHRIE, A.; LAWSON, R.; CAMERON, A. Farmers' markets: the small business counter-revolution in food production and retailing. **British Food Journal**, v. 108, n. 7, p. 560-573, 2006.

HUNT, A. R. Consumer interactions and influences on farmers' market vendors. **Renewable Agriculture and Food Systems**, v. 22, n. 1, p. 54-66, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Inconfidentes**. Último censo em 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/inconfidentes/panorama>. Acesso em: 14 ago. 2024.

KELEN, M. E. B.; NOUHUYS, I. S. V.; KEHL, L. C. K.; BRACK, P.; SILVA, D. B. da. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs)**: hortaliças espontâneas e nativas. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 44 p. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/wp-content/uploads/2015/11/Cartilha-15.11-online.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda., 2014. 768 p.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. D. Riqueza de plantas alimentícias não-convencionais na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 5, n. 1, p. 63-65, 2007

KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. 776 p.

LIBERATO, P. da S.; LIMA, D. V. T. de; SILVA, G. M. B. da. PANCs - Plantas alimentícias não convencionais e seus benefícios nutricionais. **Environmental Smoke**, v. 2, n. 2, p. 102-111, 2019. DOI: 10.32435/envsmoke.201922102-111

LUIZZA, M. W.; JOVEM, H.; KUROIWA, C.; ASERAT, P.; BUSSMANN, R.; WEIMER, A. Local Knowledge of Plants and their uses among Women in the Bale Mountains, Ethiopia. **Ethnobotany Research & Applications**, v. 11, n. 1, p. 315-39, 2013.

MOREIRA, R. de C. T.; COSTA, L. C. do B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-11, 2002.

NASCIMENTO, V. T. do; LUCENA, R. F. P. de; MACIEL, M. I. S.; ALBUQUERQUE, U. P. de. Knowledge and use of wild food plants in areas of dry seasonal forests in Brazil. **Ecology of Food and Nutrition**, v. 52, n. 4, p. 317-343, 2013. DOI: 10.1080/03670244.2012.707434.

ORDOÑEZ, M. G.; GOVIN, E. S.; BLANCO, M. de los A. G. Actividad antimicrobiana de *Senna alata* L. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 9, n. 1, versión on-line, 2004. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1028-47962004000100005. Acesso em: 14 ago. 2024.

PAULA FILHO, G. X. de. Agroecologia e recursos alimentares não convencionais: contribuições ao fortalecimento da soberania alimentar e nutricional. **Revista Campo-Território**, v. 10, n. 20, p. 227-245, 2015. DOI: 10.14393/RCT102027515.

RIGOTTI, M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas, propriedades e etnobotânica**. Botucatu: Projeto a cura pelas plantas, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/34290461/Livro-a-Cura-Pelas-Plantas>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SARTORI, V. C.; THEODORO, H.; MINELLO, L.V. PANSERA, M. R. BASSO, A.; SCUR, L. **Plantas alimentícias não convencionais - PANC: resgatando a soberania alimentar nutricional**. Caxias do Sul/Rs: Educs, 2020. 118p. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-plantas-alimenticias.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVESTRE, L. H.; QUEIROZ NETO, E.; CALIXTO, J. S.; RAMOS, R. V.; ANTONIALLI, L. M. O que se compra na feira? Perfil e fatores de decisão do consumidor em Lavras, MG. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 44. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2006. CD-ROM.

ZACHARIAS, A. O.; CARVALHO, H. M. G.; MADEIRA, N. R. **Hortaliças PANC**: segurança alimentar e nicho de mercado. Brasília/DF: SEBRAE – EMBRAPA, 2021. 11 p. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/226854/1/Guia-de-Negocio-Hortalicas-PANCs.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

ZENI, A. L. B.; BOSIO F. O uso de plantas medicinais em uma comunidade rural de Mata Atlântica - Nova Rússia, SC. **Neotropical Biology and Conservation**, v. 6, n. 1, p. 55-63, 2011.

Apêndice I - Questionário semiestruturado utilizado durante as entrevistas.

PÚBLICO GERAL

Idade:

Gênero:

Residente no município: () sim () não.

Onde? () Zona rural, bairro: _____ () Zona urbana, bairro: _____

Ocupação:

1. Você conhece o termo PANC - que significa plantas alimentícias não convencionais? () Sim () Não

1.2 Se sim, quais plantas conhecem - que no município são PANCs?

2. Você já consumiu alguma PANC? () Sim () Não

2.1 Em caso positivo, quais espécies já consumiu?

3. Você conhece alguma planta medicinal? () Sim () Não

3.1 Em caso positivo, quais plantas medicinais você conhece?

4. Você já fez ou faz uso de plantas medicinais? () Sim () Não

4.1 Em caso positivo, quais plantas medicinais que você já utilizou?

5. Você consome produtos orgânicos? () Sim () Não

6. Você pagaria mais por um produto orgânico? () Sim () Não

7. Caso a resposta seja sim, qual o percentual a ser pago?

() 5% () 10% () 15% () 20% () mais que 20%

8. Você compraria em feira livre se houvesse em Inconfidentes? () Sim () Não

9. Qual dia da semana você gostaria de participar de uma feira? () Sábado () Domingo

10. Que horário você gostaria de participar de uma feira no dia escolhido? () Manhã () Tarde

11. Qual a modalidade de feira deveria ser realizada em Inconfidentes?

Pode assinalar mais de uma alternativa

() orgânica () convencional () artesanatos () quitandas () atrações culturais () lanches

() outras: _____

12. Teria maior interesse em produtos produzidos no município ou é indiferente quanto ao local de produção? () Maior interesse () Indiferente

13. Com que frequência você faz suas compras de frutas e verduras? () Semanal () Quinzenal

14. Quais são as frutas e verduras que você mais consome?

15. Você compraria artesanato em uma feira?

() Sim () Não

16. Você compraria pães, rosas ou outras quitandas em uma feira?

() Sim () Não

ESPECÍFICO PARA AGRICULTORES

17. Produzem em qual sistema de cultivo? () convencional () SAT () orgânico.

Se orgânico:

18. Possui certificação? () Sim () Não

18.1 Se sim, qual?

19. Quais espécies são produzidas no sistema orgânico?

20. Consegue identificar a diferença entre o preço de venda entre produtos orgânicos e convencionais?

() Sim. () Não

Se convencional ou SAT:

21. Tem interesse em migrar para produção orgânica? () Sim () Não

21.1 Caso a resposta seja “Sim”, consegue identificar o que é preciso para se tornar um produtor

orgânico? () Assistência técnica () Recursos financeiros () Capacitação () Demanda de mercado

() Certificação () Outros: _____